

## FOLHETOS POPULARES DE CUÍCA DE SANTO AMARO: CRÍTICA POLÍTICA E SOCIEDADE EM VERSOS (1955-1964)

Sinara Carneiro de Oliveira<sup>1</sup>

Resumo: Os folhetos populares em versos são as fontes principais desta pesquisa por acreditar que neles estão contidos poesia, história e ficção, contudo, trazem elementos que revelam sua contemporaneidade, possibilitando leituras do contexto em que estão inseridas. O objetivo deste artigo é discutir o estilo crítico presente nos folhetos populares de Cuíca de Santo Amaro, em decorrência da pesquisa que está sendo desenvolvida com o objetivo de analisar como este poeta percebe as relações e tensões do cotidiano de Salvador entre os anos de 1955 a 1964.

Palavras-chave: Folhetos populares – Crítica política - Sociedade.

Este trabalho tem como fonte principal os folhetos populares escritos por Cuíca de Santo Amaro entre os anos de 1955 a 1964. O poeta escrevia assiduamente sobre a política, assim como denunciava as mazelas sociais que atingia a população pobre de Salvador.

“Cuíca de Santo Amaro era um Gregório de Matos sem gramática” escreveu Adroaldo Ribeiro no jornal *A Tarde*<sup>2</sup> de 1964, este era o lado mais conhecido do poeta baiano que criava destemidamente versos polêmicos. O também poeta popular Rodolfo Coelho Cavalcante fala sobre o companheiro no folheto *Cuíca de Santo Amaro: o poeta popular que conheci*<sup>3</sup>:

Muita gente da política  
De Cuíca tinha medo  
Pois o seu estro era fogo  
Que derretia rochedo  
Quem mal ato praticasse  
Que terminava o segredo

Diariamente Cuíca fazia-se presente nas proximidades do Elevador Lacerda para gritar a última novidade e atraía grande clientela, escrevia o que realmente interessava ao seu público leitor e ouvinte, provocava discussões e também divertia.

Este trabalho encontra-se na fase inicial e está sendo construído a partir de alguns questionamentos: como Cuíca de Santo Amaro percebe as relações e tensões do

cotidiano de Salvador? Quais relações estabelecem pensando na produção, recepção e circulação? Sobre quais grupos sociais Cuíca constrói narrativas poéticas?

O objetivo é analisar as linguagens constitutivas nos folhetos e as relações que estabelecem com diversos grupos sociais. Utilizar os folhetos populares como fonte para história, já que narra elementos que constituem relações estabelecidas pelas redes sociais.

Numa breve análise apresentaremos alguns traços da obra e biografia de José Gomes, o Cuíca de Santo Amaro.

Quando assumiu a produção, propaganda e venda dos seus folhetos, mais precisamente quando decidiu tomá-la como uma profissão, Cuíca enfrentou um pensamento comum de seus contemporâneos sobre o qual associava-se a figura do poeta ao vagabundo. Ao escrever sobre Cuíca no livro “A Bahia de Todos os Santos”<sup>4</sup> Jorge Amado comenta que o poeta soube resistir e tornou-se respeitado vendendo seus folhetos “elevou perante a população desse mundo trabalhador e pobre o conceito em que eram tidos os poetas”.

Outra relação que Jorge Amado faz é da preferência por parte da população por folhetos de cordel em contraposição aos jornais e revistas do período. O folheto era mais acessível, Jorge Amado afirma “Ademais a população do Mercado Modelo e adjacências não se interessa pela maioria dos assuntos tratados no jornal. Interessam os crimes, os cangaceiros, as aventuras dos capitães de areia, o preço alto da vida”<sup>5</sup>. Este comentário mostra que além deste lado mais óbvio, o financeiro, havia a questão da identificação, os jornais e revista pareciam-lhes distante da realidade, deslocados e sem referências nestes meios de comunicação era mesmo os versos curtos e rimados que privilegiavam, pagavam pouco e sabiam o que se passava em Salvador e outros lugares da Bahia.

Era muito comum na Bahia a prática de leituras coletivas, aqueles que não compreendiam a palavra escrita participavam como ouvinte ficando igualmente informados. No caso de Cuíca de Santo Amaro frequentemente o verso era gritado pelo próprio poeta.

Odorico Tavares em *Bahia, imagens da terra e do povo*, mostra como Cuíca compunha a imagem da cidade baixa e sua presença também foi constante nas feiras e mercados:

Há outra feira na cidade baixa: a do Curtume. Fica em frente à penitenciária e sejamos honestos: salvo o aglomerado humano, nada nos apresenta de diferente das feiras livres de outros lugares. Barracas onde tudo também se vende: tecidos, miudezas, farinha, feijão, charque, tudo que seja chamado de primeira necessidade. O elemento humano da Liberdade, de São Caetano, da Calçada, de Roma, vem à feira do Curtume. E se o calor está insuportável, se nada ali pode refrescar os 32 graus à sombra, se há o receio do tifo nos refrescos duvidosos, nem por isso deixe de passar em torno daquela roda: encontrará Cuíca de Santo Amaro, o famoso poeta popular. O trovador baiano é um espetáculo.<sup>6</sup>

Uma preocupação metodológica constante com os folhetos como fonte é de não trabalhá-lo como algo isolado, as conexões com o cotidiano, com a sociedade onde estão inseridos é forte e principalmente dialógica como provam os jornais, revistas do período que são somatórios ao estudo, pois são usados no sentido de dar visibilidade a uma sociedade que sendo contemporânea dividem experiências, vivências, muito perceptíveis em seus variados meios de comunicação.

Os versos de Cuíca de Santo Amaro tornam-se conhecido em toda a cidade de Salvador e sua figura chega a virar tema de jornal. No ano de sua morte o Diário de Notícias escrito por Odorico Tavares destaca:

O seu forte, porém era o comentário sobre fatos do dia, o cotidiano bahiano que explorava com uma crueldade sem limites. Ai de quem caísse no seu desagrado: em dois tempos, contava a sua história em versos, imprimia, arranjava do Sinésio o desenho adequado para as capas e largava brasa. Um inferno para suas vítimas, um gozo para o público que o cercava e o ouvia, às gargalhadas.<sup>7</sup>

Outro ponto da escrita de Cuíca é relatado no jornal A Tarde escrito por Adroaldo Ribeiro:

Mas, como todo bardo da sua espécie, não usava a veia poética apenas para ferir. Também louvava e, muitas vezes, analisava gente e coisas com muita compreensão e muita tolerância. É verdade que algumas dessas louvações eram financiadas. Mas que querem? Cuíca precisava viver e não foi o primeiro nem será o último poeta a se valer de favores para imprimir seus cantos. Que o digam ilustres vates que pontificam na Literatura Universal.<sup>8</sup>

A pesquisa biográfica feita por Edilene de Matos<sup>9</sup> sobre Cuíca, compõe neste trabalho como importante fonte bibliográfica, com destaque aos livros *Ele o Tal, Cuíca de Santo Amaro*<sup>10</sup> e *Cuíca de Santo Amaro: boquirroto de megafone e cartola*<sup>11</sup>.

Num breve relato biográfico pontuaremos algumas informações sobre o poeta. Cuíca de Santo Amaro é um nome artístico usado por José Gomes, a criação deste nome surgiu pelas suas tantas viagens na juventude a Santo Amaro, cidade de recôncavo baiano. José Gomes é de Salvador, filho de pais separados acabou sendo criado por sua madrinha de batismo, como estudante teve como professores os Frades Capuchinos da Piedade, Cuíca não concluiu seus estudos.

Antes de começar sua vida como escritor e vendedor de folhetos, José Gomes o Cuíca de Santo Amaro teve como fixo apenas dois empregos o primeiro numa tinturaria portuguesa e depois numa Companhia Circular de bondes, após estes trabalhos fixos passou a vender quinquilharias nas feiras, Cuíca passou a revender folhetos da “Pernambucana” que era uma barraca do Mercado Modelo precisava deste trabalho, pois já neste período estava casado com D. Maria do Carmo que conheceu no ano de 1935, suas primeiras vendagens eram exclusividades dos folhetos do paraibano João Martins de Athayde. Depois desta aproximação inicial, o contato com folhetos veio a crescer, começou escrevendo folha volante, versos em quadra ou sextilha, muito procurada por donos de comércios para fazer propagandas dos produtos. A partir daí Cuíca toma o folheto como profissão.

Cercamos então os folhetos escritos entre os anos de 1955 a 1964 para análise. Este recorte temporal está diretamente relacionado às fontes, pois compreende o período que o poeta escreve assiduamente sobre o Governo de Antônio Balbino, o funcionalismo, as mudanças eleitorais, as situações que enfrentava a população local seguindo a partir daí até o ano de 1964 quando o José Gomes, o Cuíca de Santo Amaro falece.

Para exemplificar o estilo de Cuíca de Santo Amaro selecionamos algumas estrofes do folheto intitulado *A discussão da carne verde com o pão escreve*<sup>12</sup>:

A carne em altos brados  
Perguntava para o pão  
Porque você meu amigo  
Deixou o povo na mão

Subindo tanto! Tanto  
Depois da eleição

O pão respondeu-lhe  
É coisa que me consome  
Depois da eleição  
Para mancharem o meu nome  
Resolveram os tubarões  
Matar o povo de fome

Em outro folheto *Dívida de funcionário nunca termina*<sup>13</sup> faz crítica ao aumento de preços, os baixos salários e o conseqüente aumento de dívidas:

Até caixão de defunto  
Onde vai ser enterrado  
Já subiu também de preço  
Quando é bem acolchoado  
Sobe palma, e capela  
Mais não sobe o ordenado.

Muitas vezes noticiavam acontecimentos, da mesma forma usavam este espaço para reclamar e cobrar, um exemplo é o folheto sobre da posse de Jânio Quadros:

Agora compete ao Jânio  
Depois que se elegeu  
Se lembrar do nortista  
Do povo que sofreu  
Jânio deve se lembrar  
Daquilo que prometeu

Para analisar os folhetos de Cuíca é imprescindível problematizar o espaço em que estava inserido. Michel Certeau reclama o *espaço* como um “cruzamento de móveis” que distingue de *lugar* que segundo o autor é uma configuração instantânea de posições e implica uma indicação de estabilidade. Dessa forma, entende o espaço como um lugar praticado.

O método que Certeau analisa o espaço é através de uma discussão da narrativa, ou seja, não meramente geográfico, territorial, mas como espaço praticado por indivíduos que o fazem através das práticas sociais, são eles que a transformam e produzem sentidos “Assim a rua geometricamente definida por um urbanismo é transformada em espaço pelos pedestres. Do mesmo modo, a leitura é o espaço produzido pela prática do lugar constituído por um sistema de signos – um escrito.”<sup>14</sup>

Pensando a relação entre a fonte que são os folhetos populares em versos e as práticas sociais que estão nela constituídas de um tempo e espaço, no sentido utilizado

por Certeau, os relatos cotidianos contam aquilo que, apesar de tudo, se pode aí fabricar e fazer. São feitura de espaço.<sup>15</sup>

Observando a multiplicidade de linguagens presentes num folheto, Gilmário Moreira Brito mostra que estão constituídos de escrita, oralidade, gestualidade, iconografia, letra, apontando a complexidade de trabalho com folhetos populares em versos

Desta forma, a produção de folhetos a partir de narrativas que surgiram da oralidade possibilita discussões e sondagens entre fronteiras da voz e da escrita, da “imagem” e da “letra”, uma vez que mesmo depois de impressos, adquirindo o formato da linguagem escrita guardam vínculos com oralidade intrinsecamente relacionados ao gestual e ao visual. Se a perspectiva de que a recodificação para a impressão não pôs fim ao caráter oral, gestual imagético dessa literatura em verso, apresentando palavras grafadas de acordo com formas de expressão da oralidade, de imagens literárias do imaginário, além de gravuras estampadas nas capas, *os folhetos sinalizam que preservam espaços e tempos de linguagens socialmente produzidas.*<sup>16</sup> (Grifo meu)

A leitura é sempre uma prática encarnada em gestos, em espaços, em hábitos<sup>17</sup>. Para declamar seus folhetos Cuíca de Santo Amaro vestia-se de fraque e cartola o que reforçava a idéia de espetáculo, a vestimenta além do papel atrativo, marcou como estilo do autor. No livro *Cuíca de Santo Amaro: o boquirroto de megafone e cartola* de Edilene Matos comenta sobre o papel da vestimenta de Cuíca para a composição de sua figura:

O traje de Cuíca merece atenção especial, pois foi elemento marcante para seu processo de mitificação pelo imaginário popular. Em Salvador, na Bahia, cidade colorida e luminosa por excelência, as vestimentas de Cuíca davam um tom inusitado, representavam o que de mais picaresco e também mais irônico e corrosivo a personagem procurava oferecer em oposição ao burguês bem-nascido e bem vestido, cujas mazelas o poeta exibia nas vitrines de seus folhetos.<sup>18</sup>

Os folhetos populares de Cuíca de Santo Amaro encontrados no acervo de Literatura de cordel da Biblioteca Setorial Monsenhor Renato de Andrade Galvão, pertencente ao Museu da Casa do Sertão situada na Universidade Estadual de Feira de Santana, são as principais fontes que dão suporte e viabilidade a esta pesquisa. Essa concentra um número significativo de folhetos desse autor, contamos também com os cordéis contidos em Antologias de Cordel e os folhetos anexados nos livros biográficos

sobre Cuíca de Santo Amaro. Revistas e jornais do período estão sendo pesquisados na Biblioteca Central situada no Bairro dos Barris em Salvador.

---

<sup>1</sup> Sinara Carneiro de Oliveira, mestranda do Programa de Pós-graduação em História Regional e Local do Departamento de Ciências Humanas da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) – Campus V. Bolsista CAPES. Este texto compreende uma discussão inicial da pesquisa “Cordel e Cotidiano: traços de uma sociedade em versos. Uma análise dos folhetos populares de Cuíca de Santo Amaro (1955-1964)”, sob a orientação do Prof. Dr. Gilmário Moreira Brito. Endereço eletrônico: sinaraholiveira@hotmail.com.

<sup>2</sup> COSTA, Adroaldo Ribeiro. *Cuíca de Santo Amaro*. Jornal A Tarde, Salvador, 1964.

<sup>3</sup> CAVALCANTE, Rodolfo Coelho. *Cuíca de Santo Amaro: o poeta popular que conheci*. S/D.

<sup>4</sup> AMADO, Jorge. *Bahia de Todos os Santos: guia de ruas e mistérios*. -40ª Ed. – Rio de Janeiro: Record, 1996, p. 349.

<sup>5</sup> Ibid, p.350.

<sup>6</sup> TAVARES, Odorico. *Bahia: imagens da terra e do povo*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1951, p. 190.

<sup>7</sup> TAVARES, Odorico. *Cuíca*. Jornal Diário de Notícias, Salvador, 1964.

<sup>8</sup> COSTA, Adroaldo Ribeiro. *Cuíca de Santo Amaro*. Jornal A Tarde, Salvador, 1964.

<sup>9</sup> Edilene Matos é uma grande estudiosa sobre Cordel, seus livros de biografia sobre Cuíca de Santo Amaro: *Ele, o Tal*, *Cuíca de Santo Amaro* e *Cuíca de Santo Amaro: o boquirroto de megafone e cartola*, são no momento as principais fontes sobre infância e juventude de José Gomes.

<sup>10</sup> MATTOS, Edilene. *Ele, o tal, Cuíca de Santo Amaro*, 2 ed. Ver. E amp. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo, EGBA, 1998.

<sup>11</sup> MATOS, Edilene. *Cuíca de Santo Amaro: o boquirroto de megafone e cartola*. Rio de Janeiro: Manati, 2004.

<sup>12</sup> AMARO, Cuíca de. *A discussão da carne verde com o pão*. S/D.

<sup>13</sup> AMARO, Cuíca de. *A retumbante vitória de Jânio Quadros*. S/D.

---

<sup>14</sup> CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano. Artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994, p. 202.

<sup>15</sup> Ibid, p. 207.

<sup>16</sup> BRITO, Gilmário Moreira. *Culturas e linguagens em folhetos religiosos no Nordeste: inter-relações escritura, oralidade, gestualidade, visualidade*. –São Paulo: Annablume, 2009, p.27.

<sup>17</sup> CHARTIER, Roger. *A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII*. Trad. Mary Del Priore – Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2ª Ed., 1998, p.13.

<sup>18</sup> MATOS, Edilene. *Cuíca de Santo Amaro: o boquirroto de megafone e cartola*. Rio de Janeiro: Manati, 2004, p. 31.